


N^o 14
REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30 DE JULHO DE 1891

DA CONSCIENCIA (*)

*Rien n'est pour nous que dans la
conscience et par la conscience.*

J. J. GOURD.

oi a palavra consciencia, á principio, empregada sómente no sentido de senso moral, de aptidão para discernir o bem do mal (1). Foi depois dos estudos aprofundados de Leibniz e Wolf que esse vocabulo applicou-se á designar um phenomeno psychico bem diverso, que os psychologos têm comprehendido e definido desharmonicamente. Para evitar qualquer confusão resultante da identidade dos termos, dizemos *consciencia psychologica* e *consciencia moral*.

E' da consciencia psychologica somente que temos de occupar-nos agora.

E' a consciencia que distingue os phenomenos psychicos dos physiologicos, é ella a propriedade especial desta categoria de phenomenos, concordam todos, e por isso mesmo constitue a base, o fundamento da psychologia. A difficuldade está somente em com-

(*) Este estudo é *capitulo* de um compendio de psychologia que encetei quando professor de philosophia, e para cujo acabamento faltam-me hoje lazer e estimulo.

(1) Não obstante, Cesca, em seu profundo estudo sobre o conceito da consciencia, desde a philosophia grega até a contemporanea, nos faz notar que Platóo reconhecia a faculdade synthetica da consciencia e que em Aristoteles essa faculdade achava-se incluída na de pensar, não tendo uma função propria.

prehender-se o caracter proprio da consciencia para formar-se o seu conceito.

Não querendo fazer a critica das diversas interpretações dadas ao termo e ao phenomeno, limitar-me-ei a expor a doutrina que se me afigura verdadeira.

Qualquer definição da consciencia não passará, como observou Wundt, de uma periphrase taulogica. Nestas condições está a proposta por Herbart que, entretanto, é sufficientemente esclarecedora do assumpto: "a consciencia é a somma de todas as representações reaes ou simultaneamente presentes." Não se tracta, porem, de uma simples somma, e sim de um complexo em que existem differenciações e assimilações de estados diversos constituindo uma verdadeira organização.

Assim comprehendida a consciencia é uma actividade unificadora de todos os phenomenos psychicos, mas que se não separa d'elles, que consiste em estados e processos, mas que não se confunde com elles. "Ella é como a vida, diz Sergi, que repousa em todos os elementos e em todo o organismo, uma parte do organismo vem á faltar, a vida se dissipa e desaparece tambem. A vida é uma abstracção, considerada como uma entidade; só o ser vivo existe com as suas manifestações vitaes. Do mesmo modo a consciencia sem o ser sensiente é uma abstracção; só o ser sensiente existe com as suas manifestações conscientes". (2)

A eschola ingleza de psychologia demonstrou dois principios fundamentaes para a theoria da consciencia: 1. que os estados de consciencia não se distinguem do phenomeno consciente, "que ser consciente, é ter um sentimento, como diz James Mill; 2. que a consciencia surge com a mudança dos estados, "que todos os diversos phenomenos de consciencia são resoluveis em mudanças", como diz Spencer.

Esta doutrina deve ser completada, porque nem a consciencia consiste simplesmente em modificações, nem ella se comprehende sem uma organização dos diversos estados successivos. E' verdade que todo phenomeno psychico envolve em si uma certa manifestação consciente da qual não se separa, mas é certo igualmente que a reprodução destes phenomenos vae constituindo uma aptidão especial no espirito para colligal-os de accordo com certas leis psychicas (associação, generalisação etc), para unifical-os e transformal-os

(2) Sergi — *La psychologie physiologique* pag. 241.

n'uma verdadeira organização. Essa aptidão especial é um acto da consciencia que se desenvolve.

Como prova de que a consciencia tambem está sujeita aos processos da evolução, basta-nos considerar que os meninos a têm muito imperfeita e que é na maturidade que o homem a possui em pleno vigor. E' com o pleno desenvolvimento da consciencia que apparece a consciencia de si (é o *Selbstbewusstsein* dos allemães), isto é o reconhecimento, por parte do individuo, de que elle é o sujeito de suas proprias manifestações conscientes e de que ellas podem soffrer sua actuação.

A consciencia de si nos dá a idéa do *eu* distincto dos phenomenos do mundo interno, idéa que se desenvolvendo no proprio individuo e sob a acção do contacto social, se transforma na idéa de *personalidade*. Obtendo a consciencia de si, pode o homem observar seus proprios estados e processos, operando assim, pela introspecção, a *identidade do sujeito e do objecto*, em certo dominio.

Alguns psychologos ainda conservam o nome de *senso intimo* para designar a consciencia, mas esta expressão não tem a mesma força, e, o reconhece Janet, ella só se applicaria com propriedade á *consciencia obscura, confusa, espontanea* que é a propriedade dos phenomenos psychicos.

Outros nos falam de *percepção intima* para designar a consciencia de si. Não viriamos inconveniente neste modo de traduzir o poder que o individuo adquire de se conhecer como sujeito de seus sentimentos, pensamentos e volições, si por estas palavras não se traduzisse melhor o estudo, a reflexão sobre esses proprios estados de espirito.

Alem disto qualquer destas duas expressões — *senso intimo* e *percepção intima* — poderiam nos levar á suppor que a consciencia tem um objecto especial, quando o certo é que ella é, como disse Hamilton, coextensiva com todas as nossas faculdades, quando o certo é que ella é o conjuncto organizado de todas ellas.

A consciencia, como se vê facilmente do que tenho dicto, não é uma funcção puramente intellectual como acreditam alguns pensadores, nem é um simples meio de cognição. Sua extensão é muito maior. A intellectualidade como a volicionalidade e a emocionalidade se exercem em seu dominio, pois que ella é uma propriedade inseparavel de todos os phenomenos psychicos.

A consciencia depende de certas condições psychicas e physiologicas que devem ser conhecidas. As condições psychicas se podem

resumir na differenciação e assimilação continua das sensações, sentimento, idéas e volições. Sem essa dupla operação a consciencia não apparecerá jamais. A primeira dellas destaca os diversos estados de consciencia e é a condição existencial delles em virtude da lei indicada por Hobbes nas celebres palavras — *semper idem sentire et nihil sentire in ibidem recidunt*. A segunda agrupa, coordena e organisa no espirito os diversos estados de consciencia, e forma isso que Wundt denomina *grupo permanente de representações*, base da consciencia de si emquanto dependente mediata ou immediatamente de nossa vontade (3). Mas si a consciencia não pode existir sem a condição da differenciação, não devemos concluir desde logo que ella é accidental; ella é substancial, por isso que não existe phenomeno psychico fora de seu regaço. A base physiologica da consciencia é o funcionamento do systema nervoso. A unidade da consciencia depende da connexão de todo o systema nervoso. Não se poderá dizer que a consciencia reside exclusivamente n'uma parte especial do systema nervoso? Sem duvida. Depois dos insignes trabalhos de viviseccão e de physiologia comparada de Wulpian, Ferrier, Charcot, Meynert etc., é incontestavel que a substancia cortical cinzenta dos lobulos cerebraes é, no homem e nos vertebrados, o organ da consciencia. E' certo, no emtanto, que a funcção deste organ suppõe a de certos outros centros nervosos aos quaes elle está superordenado, como sejam os tuberculos quadrigemeos, os thalamos opticos, os corpos estriados e outros, como tambem que existe intima ligação entre a massa branca interna e a cinzenta.

(3) Léuves, Benecke e Maudslay sustentam que a consciencia depende de uma certa intensidade da actividade psychica. E' um novo modo de expor a theoria das pequenas percepções inconscientes de Leibniz e da necessidade da attenção ou de outra condição para que appareça a consciencia, theoria cujo fundo de verdade não se deve desconhecer.

Esta questão merece que lancemos-lhe um olhar mais longamente prescrutador. Carpenter na sua *Mental Physiology* estudou-a de um modo profundo sob a denominação de *cerebração inconsciente*, (*unconscious cerebration*) Hamilton havia proposto o nome de *modificação mental* latente, Ribot, o de *vida inconsciente do espirito*, Sergi preferiu designal-a como *inconsciencia dos processos psychicos* centraes e S. Mill a considera uma simples acção physiologica. As explicações são varias, o que mostra que uma ainda não foi sufficientemente clara e sufficientemente fundamentada para aggremiar as convicções. Eu me inclino pela opinião de S. Mill, completada pela de Ribot.

Taes phenomenos de inconsciencia se constituem pela "sucessão rapida de diversas modificações nervosas a qual faz com que as diversas impressões produzidas reajam umas sobre as outras e acabem por se confundir." (*La philosophie de Hamilton*, tra. fr. p. 337). A hypothese de Carpenter é insustentavel porque elle faz residir a consciencia nos *ganglios sensorios*, quando é certo que ella reside principalmente na substancia cortical cinzenta do cerebro,

Tambem é possível que na medula espinhal separada do encephalo pela ablação se desenvolva uma consciencia de ordem inferior e limitada, mas apesar de tudo susceptivel de aperfeiçoamento gradual de modo a poder substituir, em parte, a connexão effectuada pela crosta cerebral.

A lei da divisão organica do trabalho havia diferenciado as funções dos diversos ganglios ou centros nervosos, mas a adaptação posterior pode volver essas funções de uns para outros organs, tanto mais facilmente quando elles são analogos debaixo do ponto de vista de sua constituição.

A este respeito Wundt adduz algumas observações de valor. Diz elle :

“ Em verdade todos estão de accordo quanto a possibilidade de uma consciencia deste genero, e diversos phenomenos dão testemunho da realidade deste facto. Duas cousas devemos notar neste caso: 1.º Uma consciencia deste genero é, rigorosamente falando, uma consciencia que *se forma, se desenvolve* e é susceptivel de experimentar um aperfeiçoamento gradual, como o confirmáram as observações sobre as rãs decapitadas, sobre os passaros, sobre os coelhos cujos lobulos cerebraes foram seccionados acima dos ganglios ; 2.º Um organ central que em virtude da organização total de um ser é, desde o começo, destinado a exercer uma função independente será naturalmente portador de uma consciencia, mas de uma maneira bem differente da de um organ central collocado em uma relação e uma dependencia multipla, embora esse ultimo lhe fosse analogo morphologicamente. ” (4).

Estamos agora habilitados á resolver, perante a psychologia o problema da unidade da consciencia. A consciencia normal é uma em cada momento, mas sujeita á modificações trazidas pelo curso natural da evolução do individuo. Sob o influxo de estados moribundos, porem, ella se pode tornar dupla, como o demonstráram muitos casos pathologicos estudados por auctoridades competentes. Esta unidade, de consciencia normal é partilha dos seres mais elevados. Os seres inferiores, os polypos, por exemplos seccionados em diversos pedaços continuam a viver como d'antes, contendo em cada fracção uma vida nova, uma outra consciencia.

Do terreno em que me colloquei se afastam, como ceiosas, certas

(4) Wundt *Psychologie* p. 223.

questões que é de costume virem discutidas nos manuaes e tractados classicos. Deste numero são as que propõe e responde Janet : 1.º temos consciencia dos objectos externos? Certo que não, pois que a consciencia é simplesmente o conjuncto organizado de nossas representações simultaneamente presentes. Temos consciencia sim das sensações que os objectos externos provocam em nossa psychê.

2.º Devemos resolver pelo mesmo modo a questão de saber *si temos consciencia do proprio corpo*. O reconhecimento do *eu*, da propria individualidade, não é uma aquisição immediata da consciencia, e muito menos o será a união do *eu* á um corpo. O conhecimento desta união nos é fornecido por uma inferencia logica espontanea, porem não instantanea.

Tambem não quiz afundar-me no estudo da natureza da consciencia, não porque, “sendo ella a condição de toda experiencia interna, esta não pode fazer conhecer directamente a sua essencia” como affirma um philosopho italiano, mas porque a questão me parece naturalmente resolvida. Ou ella é a propriedade fundamental, constituinte do espirito ou um phenomeno concomitante dos phenomenos psychicos; um phenomeno *addicionado à actividade psychica*, segundo se exprime Ribot.

A ser exacta a primeira hypothese, parece-me claro, a consciencia devia anteceder ás volições, emoções, sensações e mais phenomenos psychicos. O absurdo é manifesto e pois não nos resta outro recurso sinão nos decidirmos pela segunda hypothese. Mas este phenomeno additional se consolida, se organisa, evolue e forma, por assim dizer o mundo onde se agita a vida psychica.

CLOVIS BEVILAQUA.

Goethe e o Fausto



preponderancia de Wolfgang Goethe no meio da sabia Allemanha é uma consequencia natural da transformação por que passa o mundo ha cinco seculos.

O desenvolvimento das sciencias experimentaes, cultivadas por amor á verdade e para correcção dos erros grosseiros de tempos obscuros, libertou a humanidade da prisão que a detivera

em sua luminosa jornada e tornou-a compatível com o seu próprio destino.

Vencido o polytheismo na Grecia, apesar do prestigio dos seus deuses, caminhou o christianismo do Oriente para o Occidente em nome do amor e, por toda a parte, foi a nova doutrina deixando os germens de que vieram a brotar os fructos do direito e da justiça, cujos principios se firmaram no seio das revoluções modernas, para dignidade do homem.

No meio da dissolução dos costumes em que se abysmaram os povos, nos ultimos dias do paganismo ; por entre a confusão crescente dos espiritos assombrados pelo despotismo da Roma imperial, o christianismo foi como que a grande porta aberta de um mundo á parte, por onde entraram os desgraçados, os que soffriam todas as provanças do captivo, todos os effeitos da selvageria humana.

No meio, ainda, do terror que os fortes lançavam sobre os fracos; no delirio do luxo e da corrupção desenfreada que dominavam o mundo, synthetisado no povo romano, surgiu o vulto austero e generoso do sacerdote catholico e com elle a piedade, a consolação e o amor, cujos sentimentos tinham-se extinguido na brutalidade da materia. Durante muitos seculos a palavra do sacerdote levou nos mais reconditos lugares o alento, a resignação e a esperanza; o sacerdote illuminava e o templo protegia; o sacerdote e o templo foram durante mil e quatrocentos annos o mais poderoso elemento de civilisação, o maior elo que estreitára as relações da sociedade, e a humanidade deve ser eternamente reconhecida ao catholicismo por tão assignalado serviço.

Quando o homem era lançado aos circos da cidade Eterna para servir de pasto ás feras indomaveis ; quando os povos agonisavam sob o jugo dos imperadores de Roma, que os reduziam a miseros escravos; quando a prostituição dos costumes tocava ao delirio e á insolencia, a missão do catholicismo, amparan lo os fracos e regenerando os dissolutos, foi sublime, a mais nobre que póde caber a uma doutrina.

Mas os triumphos do catholicismo foram tantos, transformaram de tal sorte o entendimento humano, tal reacção se operou em seu proprio seio, que a sua missão tinha de dar-se fatalmente por concluida. Desde que as sciencias positivas começaram a desfechar golpes tremendos sobre as suas revelações e ao dogma oppos-se a duvida, o raciocinio dos espiritos em via de emancipação; desde que Copernico descobriu e Galileu sustentou que o sol era fixo no centro

do nosso systema planetario e que Descartes applicou as leis da mechanica ao movimento dos corpos celestes; desde que o pensamento começou a transpor as portas das cathedraes silenciosas, para aquecer-se á luz das sciencias exactas, a luta estava declarada e uma nova organização social devia ser a consequencia da victoria scientifica. As sciencias deram ás artes e industrias os mais engenhosos elementos de progresso, as tres irmãs caminharam juntamente com passos resolutos, dignificaram o trabalho, e para cumulo da victoria encontraram a imprensa para divulgar os seus variadissimos resultados e estimular o homem aos mais arrojados commettimentos. De então para cá tudo veio em disfavor do catholicismo; a astronomia desvendou os segredos do céu, Kepler estabeleceu as leis segundo as quaes os astros se movem em torno do nosso centro planetario; Bichat explicou a theoria da vida e deu corpo á biologia; Lavoisier fundou a chimica e Augusto Comte converteu a historia em uma sciencia affectiva. Cada invenção ou descoberta trasia mais uma decepção ao catholicismo, que começou a esphacelar-se em seu proprio seio, desde que Luther o feriu de morte e que dividiu a mesma familia em dois grupos antagonicos.

Foi sob taes auspicios que, entre os mais distinctos escriptores da segunda metade do seculo passado, appareceu Goethe na grande Allemanha. Então, o que predominava nesse paiz do genio, em litteratura, era o romantismo, mas o romantismo differente do que em França teve como principaes representantes Victor Hugo, Alexandre Dumas, Lamartine, Theophilo Gautier, Eugenio Sue e outros escriptores gigantes da phalange de 1830. O romantismo allemão, segundo o conceito de H. Heine, "não era outra coisa senão o despertar da poesia da idade media, tal como ella se manifesta em seus cantos e em suas obras de pintura e architectura, por suas artes e sua vida privada". Mas essa poesia e essas obras de arte nasceram do christianismo e delle se elevaram á mais alta dignidade esthetica. Toda composição artistica da idade media era inspirada nos soffrimentos do Christo; o philosopho da Judéa tornou-se o objecto dos canticos os mais inspirados, a sua pallidez doentia, o seu sangue vertido nos braços da cruz, os seus longos e negros cabellos encarcados, a sua expressão soffredora, eram cantados, desenhados e sinzelados com o mais vigoroso relevo, com a mais suave expressão. Havia nisso um mysticismo exaltado, que convidava o espirito á meditação e que compellia o homem a todas as praticas disciplinares da alma, ainda mesmo com o maior sacrificio do corpo. O espirito

era tudo, a carne de nada valia; a elevação do espirito e a abjecção da carne tal foi o fim principal dessa arte maravilhosa, mas vasada em moldes inteiramente subjectivos. Nessas condições a morte pouco importava e o abandono da vida em serviço da religião era factum commum e voluntario, que os poetas cantavam enthusiasticamente.

As crusadas dão a mais perfeita medida de semelhante estado victorioso do monothetismo catholico, porem as crusadas, alem da sua piedosa missão ao tumulto do Messias, prestaram á humanidade os maiores e mais assignalados serviços; foi por meio dellas que se verificou o congraçamento de todas as raças e de todos os povos que professavam a religião do Christo; foi desse agrupamento de homens, ligados pelo mesmo sentimento, para o mesmo fim, que se manifestára em alto gráo o verdadeiro culto á mulher.

Essa religião cujos primeiros dogmas encerram a condemnação da materia e dão toda a supremacia ao espirito, diz o auctor d'*Allemanha*, era entretanto muito desinteressada para um mundo tão imperfecto, e fornecia aos despotas as armas com que elles se sustentavam, explorando essa humilhação, esse desprendimento das coisas terrenas, essa fanatica paciencia, aconselhada pelos mais eloquentes pregadores em suas praticas quotidianas.

Comtudo a humanidade avançou sempre; as sciencias foram descortinando o pesado véu que occultava grande numero de phenomenos envoltos no mais completo segredo pelos exploradores da ignorancia, e começou o trabalho emancipador do estado theológico do catholicismo. Então, no proprio meio sacerdotal, foram apparecendo homens illustres e desinteressados, que já não se preocupavam com tanto ardor dos gosos celestes, nem eram indifferentes ás alegrias da terra. A onda cresceu e o diluvio attingiu todos os recantos do continente europeu, apesar dos esforços de Calderon de la Barca, para reprimil-o, mais tarde.

Dahi originou-se a revolução litteraria na Allemanha, em cujas pugnas surgiram os demagogos que se chamaram Gothold Ephasin Lessing, Gotlieb Herder, Henri Voss e outros; dahi apparecem Goethe ao lado dos irmãos Augusto Guilherme e Frederico Schlegel, que então dirigiam o espirito da Allemanha litteraria.

Lessing encaminhou a critica com todas as vantagens do seu espirito altamente esclarecido e destruiu a imitação da falsa antiguidade grega, systema litterario que precedeu, na Allemanha, o romantismo catholico, systema aquelle importado da França, onde se

encastellara com a memoria dos deuses de Eschylo. Elle, o grande investigador, apreciou com exactidão todos os generos de arte da antiga Grecia e deu-lhes a verdadeira significação esthetica e social. Nesse empenho erudito, em que pôz á prova todas as maravilhas do seu vigoroso engenho, foi o grande hellenista seguido por Herder, que da mesma sorte mostrou ao mundo moderno todas as perfeições, todas as bellezas e extravagancias de que fôra capaz o mais sublime dos povos antigos. Como esthetico Herder não desmereceu de Lessing.

Mas a critica deste ultimo escriptor não era dessa que fêre e não doutrina; ao contrario disso elle, ao passo que accusava os defeitos e os erros, mostrava a direcção que o espirito devia levar; quando destruia indicava como se podia edificar; já observava as coisas por esse lado real e humano que tanto ennobrece o fim da escola positiva. O que não fazia muitas vezes, era produzir obras que servissem de modelo aos seus discipulos. O modo, porem, porque elle abordou as producções antigas, concorreu de alguma sorte para que apparecesse um diluvio de imitadores sem talento e sem intuição artistica, que entretanto chegaram a merecer o acolhimento publico.

Por esse tempo Goethe, que já se havia mostrado á tona da publicidade, foi geralmente reconhecido, porem as acclamações ruidosas com que o saudaram eram igualmente feitas a todas as mediocridades. Assim, o successo de Goethe, em semelhante meio litterario, foi mais devido ao assumpto de actualidade por elle aproveitado no *Gaets de Berlichingen* e no *Werther*, do que mesmo ao valor artistico dessas duas producções.

Tratava-se em taes livros de assumptos de cavallaria e dos amores desgraçados de um rapaz que arreventára a cabeça quando já não podia supportar o peso da vida. Este acontecimento produziu grande sensação; todos o leram com o coração dilacerado e Goethe conseguiu popularisar-se.

Foi contra semelhante estado das lettras allemães que se levantaram os irmãos Augusto e Frederico Schlegel, com o vigor caracteristico dos grandes innovadores. Dahi nasceu esse romantismo vassado nos moldes sentimentaes do catholicismo e com elle a alma da idade media em toda a plenitude.

William Schakspeare, que já havia dirigido o seu olhar de aguia atravez do futuro, e produsido grandas obras de arte com as novas conveniencias estheticas, passou por esse tempo, quasi desconhecido da Allemanha e, os que apesar de tudo o liam, classificavam-no de

selvagem e tratavam de occultal-o ao gosto publico. O que a todos satisfazia, eram os aromas da arvore christã, regada em seu tenro desenvolvimento com o sangue do Christo e as lagrimas de Maria. Tudo o que não trasia esse aroma doentio desapparecia sem deixar a menor impressão. Por isso Schakspeare foi lançado á margem e traduziu se Calderon com fanatismo religioso. Todos imitaram o grande poeta hespanhol, todos se deixaram levar pela suavidade dos seus versos admiraveis, pelas situações heroicas e cavalheirescas de cada personagem dos seus dramas e pela contricção característica dos conventos medievaes que elle pretendia reedificar.

Mas, diz H. Heine, "assim como o espiritualismo christão tinha sido uma reacção contra o dominio brutal do materialismo do imperio romano; assim como o amor da arte elegante e das sciencias da Grecia durante o periodo da renascença pôde ser considerado como uma reacção contra o espiritualismo christão, levado até a mortificação; assim como o despertar do espirito romantico da idade media pôde ser considerado tambem como uma reacção contra a arida imitação da antiga arte classica", da mesma sorte começou no tempo de Goethe uma reacção implacavel contra a restauração das opiniões cathotico-feudaes, contra essa cavallaria aventureira e esse espirito sacerdotal, exaltados com toda a paixão, com toda a solemnidade da poesia e dos monumentos architectonicos da idade media.

No meio da discussão que se travára e que attrahira a attenção da Allemanha inteira, em que os irmãos Schlegel e por fim o velho Frederico Stollberg se oppunham á direcção que Woss imprimia ao espirito allemão, levantou-se Goethe com todo o prestigio de que já dispunha e proferiu a sentença condemnatoria daquelles dois escriptores, os mesmos que o haviam ajudado a construir o edificio da sua fama.

Em sua polemica gigante os Schlegel precisando de um poeta que fosse a mais viva expressão dos seus sentimentos litterarios, apresentaram Goethe por typo, mas este, pantheista intransigente, rompeu com os dois corypheus do romantismo religioso, pol-os em debandada, eliminando os das pugnas de então, e, segundo o adversario de Stoël, "os phantasmas da idade media fugiram, os mochos se occultaram de novo nas ruinas dos velhos castellos" e uma nova phase começou na Allemanha.

Então encontraram-se, pairando acima de tudo, Goethe e Schiller, por quem dividiram-se as opiniões e formaram-se partidos.

Schiller, intransigentemente possuido de uma candura incor-

ruptivel, seus typos são modelados com a expressão ideal das creaturas boas, angelicaes. Goethe, porem, serve se de outros processos; os seus personagens trazem as paixões, os sentimentos e os vícios patentes e cada momento, inherentes á natureza humana. O primeiro observava a humanidade do alto, sem preocupações que o desviassem do seu objectivo artistico; o segundo tomava os individuos naturaes, com os seus defeitos salientes, preponderantes em outros individuos do mesmo temperamento, affectados da mesma *neurose*, nas mesmas condições de vida, de lugar e de tempo; comprehendia a arte segundo o seu verdadeiro destino, e sob este ponto de vista creou typos como o de *Margarida*, ao lado de outros como o do legendario *Dr. Fausto*.

H. Heine, a quem eu sigo por vezes nesta noticia, fallando dos sentimentos pessoaes de Goethe, não póde relevar a ingratidão com que o poeta feriu os irmãos Schlegel, que tanto o haviam exaltado; porem não cabe investigar aqui as razões que determinaram o grande escriptor a essa attitude, com relação áquelles dois notaveis poetas romanticos.

O que me parece detestavel em Goethe, e que ninguém lhe desculpará, é o modo por que elle se manifestava, como critico em cujo caracter depreciava tudo quanto merecia o mais decidido acolhimento, para exaltar aquillo que devia escapar a acção da sua critica soberana. Elle repellia todo o escriptor que se mostrava com originalidade e em cuja forma de expressar as coisas indicava resolução para acolher distinctamente as mediocridades atrevidas.

Todos os aristocratas do talento viram-se escarnecidos e fulminados por esse despotico rei, que elles proprios haviam proclamado desinteressadamente. Resultou disso que as nullidades se julgaram com direito ás mesmas prerogativas dos escriptores de nota, mas a paixão excedeu os limites da tolerancia, e o facto de ser um individuo exaltado por Goethe foi bastante para não merecer consideração alguma como escriptor. O seu egoismo manifestou-se com todos os symptomas do maior despota intellectual !

No seu tempo existiram diversos escriptores tão distinctos como elle, mas que não tiveram as mesmas acclamações. Um homem da estatura intellectual de Goethe provem naturalmente de um meio superior, nunca se forma isoladamente; em torno d'elle ha sempre uma familia de artistas que não lhe são inferiores, mas que por uma circumstancia qualquer, de organização ou de vida, entregam-lhe a palma de chefe. Isto é um facto observado em todas as grandes phases ar-

tistico-litterarias, cujos chefes chamam se Eschylo, Phidias, Virgilio, Dante, Miguel Angelo, Schakspeare e Victor Hugo. Resulta de tal phenomeno que, o eleito dentre esses aristocratas do espirito, figura na posteridade com traços mais vigorosos, cercado de uma aureola mais fulgurante, e todas as vistas convergem para elle; como synthese de uma epoca inteira; de modo que no fim de alguns seculos os outros escriptores da mesma raça apparecem apenas em segundo plano, quando não ficam totalmente esquecidos.

Goethe, porem, não foi simplesmente um litterato. Como diz Heine " elle se abysma nas sensações individuaes, ou na arte ou na natureza; Goethe o pantheista, devia se occupar da historia da natureza e isso não foi sómente em poesias, mas tambem em obras scientificas, em que elle dá o resultado das suas investigações.

Nas obras de arte que produziu, elle caracterizou profundamente o cunho da sua immensa individualidade, mas em nenhuma tanto como no *Fausto*. Neste grande poema dramatico encontra-se o homem com as suas ambições naturaes, preferindo os favores da terra, mesmo com risco de perder a graça divina, ás alegrias do ceu. Ahi elle dá forma material ao espirito, este transforma-se em individuos dotados de todas as faculdades inherentes ao ser humano; que falam, sentem e movem-se; ahi o artista constitue-se um deus.

A lenda do *Dr. Fausto* vem de epoca não bem descriminada ainda e tem sido objecto da preocupação de grandes escriptores, entre os quaes figura C. Marlowe, poeta inglez do tempo de Schakspeare. Foi Marlowe que deu forma dramatica a essa poetica lenda, encontrada aliás em uma traducção ingleza do allemão e n'uma imitação franceza de Rutebeuf, e cujo autor primitivo ignora-se até hoje.

Levada a peça de Marlowe, nos grandes palcos, com extraordinario successo, passou depois aos theatros de titeres, que por esse tempo abundavam em Londres; mais tarde sahiu da Inglaterra, andou pelos Paizes Baixos, pela Allemanha, de feira em feira, nas ruas e nas praças, sempre attrahindo a attenção da população. Desse *Fausto* conhecido de espectaculos ambulantes é que suppõe-se haver Goethe tirado a sua obra prima, por quanto acredita-se que elle não conhecesse a peça de Marlowe.

O que admira é que Schakspeare não tivesse aproveitado o assumpto de semelhante lenda, para uma das suas grandes produções dramaticas !

No *Fausto*, segundo parece, quiz Goethe synthetisar esses gran-

des investigadores, que o povo julgava em intimas relações com o diabo e que passavam por mestres em magia, tanto mais quanto se mostravam combatendo o espirito subjectivo do monotheismo catholico, com as verdades das sciencias positivas e doutrinando francamente contra o poder da igreja. Roger Bacon, Guttemberg, Galileu e outros não escaparam a essa incrépação e representam seguramente o typo idéal do *Dr. Fausto*.

Esta obra gigante do poeta allemão é quasi tão vasta como a *Divina Comedia* do Dante! A sua acção passa-se na terra e no céu e abrange as questões mais salientes de uma epocha de transformação, em todos os ramos da actividade humana.

Compreende-se que eu supponho aqui o leitor inteirado da peça allemã, não accetando isto senão como uma noticia muito imperfeita sobre Goethe e a sua obra prima. Estudar o maior poeta da Allemanha do fim do século passalo e da primeira parte deste, e uma qualquer das suas produções litterarias é trabalho de longo folego, que não cabe nas proporções de um artigo ligeiro e nem eu seria capaz de abordal-o, tanto mais quanto seria necessario fazer um estudo alias complexo da litteratura allemã, nessa phase extraordinaria, assignalada por tantos escriptores sabios, e terminada em seu apogeu, com Schiller e Goethe. O estudo completo deste grande homem seria aquelle que abrangesse a sua vida, em todas as relações sociaes: como poeta, critico, philosopho, naturalista e politico, desde os seus primeiros dias até 1832, quando elle deixou de existir no meio das paixões latentes do mundo, para entrar no dominio da positividade.

Goethe foi tão correcto como artista, que ainda hoje a sua influencia predomina consideravelmente nos espiritos mais illustrados da Allemanha. Na elegancia do seu estylo, na concepção dos typos e nas suas obras extraordinarias, ha essa harmonia de tons, essa unidade de vistas que caracterisam perfeitamente a grande estatura do romancista, do dramaturgo e do poeta.

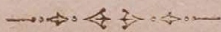
Já pouco se falla de Frederico, um dos maiores capitães dos tempos modernos, porem não ha individuo de mediocre instrucção que ao menos o *Fausto* não tenha lido. E' que a unica magestade da terra está nos homens como Goethe.

Jamais se negou o talento militar de Napoleão I, mas em cada plano, em cada manobra desse illustre guerreiro, encontra-se indelivelmente impressa a trilha de sangue, que o seu egoismo de renome pelas armas fez verter do Occidente ao Oriente do velho mundo,

Os vestígios que Frederico II e Napoleão I imprimiram na historia da humanidade, vão desapparecendo á proporção que se desenvolve a civilisação, mas os monumentos architectados pelo genio de Gœthe serão objecto de eterna admiração dos sabios, dos philosophos e dos poetas de todos os povos, na mais remota posteridade.

Tal é a recompensa do escriptor que se identifica com os sentimentos da humanidade e que significa a expressão exacta do seu tempo.

DANTAS BARRETO.



A AUTONOMIA COMMUNAL



alconet, já tive occasião de cital o, costumava, quando lia um livro, arrancar as paginas aproveitaveis e deitar fóra as restantes.

Este processo, commodo e economico, poupando estantes e dispensando depois o trabalho de procurar o pouco bom entre o muito ruim, parece-me, entretanto, alem de pretencioso, muito brutal.

Mette-me tanta repugnancia vêr arrancar uma pagina a um livro como vêr amputar uma perna a uma mulher.

A minha sympathia e a minha condescendencia para tudo que traduz esforço humano, se revoltam contra um tal meio de selecção bibliographica.

Depois, um livro nem sempre desagrada por suas qualidades intrinsecas; muitas vezes é o espirito do leitor que não acha-se preparado para a leitura.

Não é raro que um livro nos enfade hoje para alguns annos mais tarde prender-nos a attenção e provocar-nos enthusiasmo.

Por isso respeito sempre a integridade dos livros; se algum desagrada-me, não deito-o fóra nem mutilo-o, atiro-o para um canto da estante, aguardando nova occasião para a leitura.

Foi o que se deu com as *Licções de Politica Positiva*, do Sr. Las-

tarria; mas são decorridos alguns annos depois da primeira leitura, e sinto que nenhuma modificação se operou em meu espirito com relação ao livro do diplomata chileno : continuo a julgal-o tão fraco pensador quão insipido escriptor.

Levado por tudo que se tem dito nos salões e nos congressos, nos jornaes e nas constituições dos diversos Estados a respeito de liberdades municipaes, devorei as paginas referentes a estas ultimas palavras, bonitas palavras, com que uns tantos espiritos, despidos de senso historico, querem resuscitar um estado de cousas que não existe mais.

A autonomia communal desappareceu em face do principio mais elevado da unidade nacional.

A este respeito dizia em 1822 Royer Collard:

“ Vimos a velha sociedade perecer, e com ella uma multidão de instituições domesticas e magistraturas independentes, que trazia em seu seio feixes poderosos de direitos privados, verdadeiras republicas na monarchia. Nenhuma d'essas instituições sobreviveu e nenhuma outra tomou o seu lugar. A Revolução não deixou em pé senão individuos ”.

Sim, os dous grandes sentimentos de liberdade individual e de solidariedade social não deixaram em pé, face a face um do outro, senão o individuo e o Estado desapparecendo todos os outros organismos, com excepção da familia, sociedade de origem inconsciente, instinctiva, *biologica*, ao passo que a communa é de origem reflexa, contractual, *poliologica*, se assim posso exprimir-me.

A communa, sob o ponto de vista social, não se distingue do Estado senão em que exprime um estadio, que contem em si os germens de um estadio superior — a nação.

Não ha muito tempo escrevi e não me cançarei de repetir :

“ Ainda ha quem pense que a liberdade politica consiste na autonomia das communas, e que a grande difficuldade a resolver-se entre os povos modernos é a conciliação da independencia dos municipios com a unidade politica do Estado.

“ Aquelles que assim imaginam, esquecem-se de que a autonomia das communas, tal como existio na idade média e desenvolveu-se mais tarde entre os anglo-saxões, é um producto do sentimento da personalidade individual do antigo germano.

“ Entre os Tedescos, este sentimento desenvolveu-se no mundo da especulação e chegou ao *monismo*; entre os Inglezes, progredio no mundo da acção e deu em resultado o *self — government*.

“ Mas, entre os povos gregos-latinos os municipios de cidades soberanas, que eram, passaram a ser simples divisões de Estado.

“ Na antiguidade classica, diz Deodato Licy, havia *communas* autonomas; mas eram estados soberanos. Cahindo sob o poder de Roma, perderam a soberana prerogativa de fazer a paz e a guerra, o direito de legislar e o de lançar impostos. Não restou senão uma só *communa* soberana, Roma, que reinava sobre um grande numero de outras *communas*, que não tinham mais senão uma existencia civil.

“ As *communas* da idade média não são, pois, ressurreições da antiga organização municipal romana. A *Historia da Constituição dos Municipios Italianos*, pelo illustre Carlos Hegel e a *Historia das Communas lombardas, desde a sua origem até o fim do seculo III*, por Haulleville não deixam pairar a menor duvida sobre a origem germanica das *communas* medievaes.

“ Instituição, porem, *congenial* da raça germanica, a autonomia municipal seria uma anomalia, si não uma utopia, entre povos de origem latina, nos quaes predominou constantemente o sentimento da solidariedade a mais intensa, esforçando-se sempre o Estado por imprimir a maxima cohesão e direcção ás funcções do organismo social.

“ Entretanto, forçoso é ir adiante e reconhecer que, mesmo entre povos de origem germanica, a autonomia dos municipios, hodiernamente, não passa de um anachronismo, ou melhor de um caso de *misonetismo*, como uma instituição caduca que não continúa a atrahir a admiração e o respeito do maior numero senão por força do habito e horror do novo.

“ Realmente, a autonomia das *communas*, si foi uma necessidade historica em face do regimen feudal, já não tem razão de ser em face dos sentimentos e affectos, que constituem as modernas nacionalidades.

“ Vida patriarchal, vida municipal e vida nacional, são os tres grandes momentos da vida social; ou como diria Carle, “ *de um medisino processo, in cui lo stato che precede contiene in se medisino i germi di quello, che vien dopo.*”

Proclamar actualmente a autonomia das *communas* é querer resurgir uma instituição caduca, que desapareceu deante do espirito novo, que solapou o feudalismo.

O character individualista dos barbaros, que invadiram o imperio romano, sob a influencia de uma região, em que não se vêem arvores

gigantescas nem lianas colossaes, nem flores mais deslumbrantes do que as estrellas, sob a acção de uma temperatura regular, em que o homem sente-se bem, com disposição a lutar contra as forças da natureza, no seio de uma atmosphera, em que não ondulam perfumes violentos, que embriagam os sentidos, no meio de uma natureza em que as cores do rubim, do topasio, da esmeralda não se reflectem em quasi todos os objectos, que se offerecem a vista, em que a realidade nem sempre parece phantasia e a vida sonho, onde nem tudo é deslumbramento, fascinação, extase, foi que produziu aquella instituição, filha do genio de uma raça em um dado periodo da sua evolução.

Mas não tardou que o elemento latino reagisse contra o forte individualismo germanico e que assim a autonomia das communes fosse cedendo lugar á unidade dos Estados.

Cada raça tem a sua vocação, por assim dizer, a sua missão a realisar, e entre os romanos predominou sempre com o sentimento da solidariedade o principio da centralisação.

“ Póde-se fazer, diz Paulo Mougéolle, a mesma observação a proposito dos dous principaes grupos da raça aryanna, os Latinos e os Germanos, os povos do Sul e os povos do Norte: os primeiros, artistas, catholicos, impregnados de tendencias monarchicas, os segundos dados á sciencia, protestantes, geralmente dotados de instinctos liberaes ”.

Por sua vez, o catholicismo com o seu espirito de cosmopolitismo e de fraternidade, e sobretudo com suas expedições ao Oriente, foi solapando o feudalismo e desenvolvendo em todas as direcções da Europa o germen da solidariedade e da centralisação.

Não faltará quem esteja admirado de ouvir-me falar em religião explicando modificações politico sociaes; mas tenho a notar que, se não sou do numero d'aquelles que tudo attribuem á acção religiosa, nem por isso desconheço a acção preponderante que a vida espiritual, e portanto as religiões, exerce sobre a politica e sobre o governo dos povos.

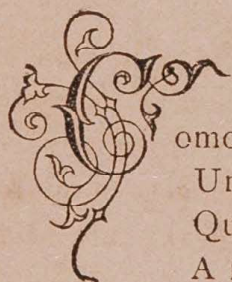
“ A influencia decisiva, affirma Laveleye, que as formas do culto exercem sobre a politica e sobre a economia politica não tinha sido posta em luz; mas ella se revela e se mostra mais e mais claramente nos acontecimentos contemporaneos. A acção que a religião exerce sobre os homens é tão profunda que elles são sempre levados a dar á organização do Estado formas tomadas de emprestimo á organização religiosa.”

Oscar Straus escreveu um livro para mostrar que a Republica dos Estados Unidos é devida á influencia directa que a republica dos hebreus exerceu sobre o espirito dos Americanos.

(*Continua*)

ARTHUR ORLANDO.

Automachia



omo um rebelde prisioneiro herculeo
Um prisioneiro indomito e valente
Que força heroica, allucinadamente,
A ferrea porta da prisão, no acúleo

De alguma immensa dôr torturadora,
De algum desejo insubmisso e louco,
— Dôr d'essa dôr que mata pouco a pouco,
— Desejo d'esse que pragueja e chora ;

Assim minha alma intemerata e louca,
Meu espirito impavido e sonoro,
Dobra os gradis da ténebra em que eu moro,
Torce os, pedindo o seu exodo. E a bocca

Do calabouço lobrego que prende
Minha rija vontade adamantina
Resiste a toda luta leonina,
A todo esforço meu... e não se rende !

Bocca de fera, armada de maxillas
Bronzeas, embalde eu lanço contra ella
Todo o meu Ideal que se rebella,
Todo o meu pulso e maldições em filas,

Fica cerrada e muda, como a tampa
De um caixão mortuario, a negra porta;
Com meu grito, meu choro não se importa...
E eu apodreço como n'uma campa !

IZIDORO MARTINS JUNIOR

SOCIALISTAS

(1885 á 1888)

I — Ao Povo



Quando eu pela manhan contemplo ao pé do mar
a agitação sem fim dos vagalhões na praia
ao influxo da luz de perola que raia
o matutino sol, — começo a meditar

no empenho, que domina ao mar, de destruir
a crosta do rochedo em secular porfia,
e imagino que o povo é o vagalhão que um dia
tentará soberano aos thronos derruir.

E fantazio em vão Xerxes acorrentando
a espada do oceano: a impotencia do orgulho
com seu gladio real as aguas retalhando.

Sirva-vos a licção, dictadores e reis !
O povo é como o mar, o velho mar herculeo,
temei vos desse Antheu que geme aos vossos pés.

II — A PEDRO II

Si um poeta, D. Pedro, um sonhador
que orgulha-se em trazer cingida ao peito
a facha tricolôr,
pode subir a regia escadaria
e fallar-vos em nome do Direito
contra uma antiga lei da monarchia,

si um cidadão, Senhor, môço e plebeu,
que nasceu brasileiro e se envergonha
da patria em que nasceu,
pode ir-vos á presença — alta a cerviz —
e fallar-vos em nome de quem sonha
um futuro melhor para o paiz;

em nome, oh Rei, da geração moderna
eu venho reclamar um acto recto
do rei que nos governa :
quebrae a algema á brasileira raça
dos escravos, Senhor, por um decreto
á luz azul do seculo que passa.

A abolição já faz-se necessaria :
é privilegio agrilhoar o pobre,
azorregar o pária.
A escravidão é um cancro ! Abri a cova
á raça expatriada e erguei-lhe sobre
o tumulto o guião da patria Nova.

Esbarrar a opinião eis o impossivel :
o mar á terra firme arrue os flancos
austero e irresistivel,
e em nosso continente a opinião
dispede vagalhões que se erguem francos
contra o rochedo vil da Escravidão.

FERNANDO DE CASTRO

Philosophia Nova

O PROBLEMA DA VIDA



ós, os moços, somos como os jornaleiros que nas minas arriscam sempre a vida para ganhar o pão. Arriscamos a nossa reputação, sempre a mercê do escalar dos maliciosos, indolentes e incapazes que nos atiram pedradas e que nos enxovalham pelas esquinas, pelos *cafés*, por toda parte, com o fim unico de produzirmos alguma cousa de bom, de sensato e de util a communhão, á sociedade. Quando voltamos um dia das preocupações d'esse minerio que procuramos — servir e servir bem, — vezes desalentados, baldos de forças, alquebrados de fadigas e as cans a pratear as nossas fronteas banhadas do suor do sacrificio, as illusões despovoadas do nosso espirito, estupidificados na lei invariavel do *struggle for life*, mal temos tempo de observar os rebentos produzidos pela sementeira que derramamos no campo do combate, e mal podemos avigorar o espirito na loira claridade do sol que vae poeirando o espaço de lantejoilas doiradas ! Eu que tenho na modesta obscuridade do meo espirito luctado pela corrente nova das idéas do seculo, muitas vezes o espirito vacilante no mar tormentoso das paixões sociaes e a intelligencia escurecida pelo fumo sahido do combate de todas as philosophias, sinto o quanto vale a responsabilidade de momento falando em *cousas novas*, conhecidas de poucos que estudam, de poucos que fazem da vontade a dynamica para marchar sempre a frente do movimento. Entendo entretanto que agir deve ser a nossa divisa; agir em prol da patria, agir pela sociedade e agir por nós proprios que será agir por outrem, desde as infimas camadas do planeta telurico até as grandes irradiações das nebulozas perdidas no combate celeste da legião de corpos que choviscam luzernas na passagem apressada atravez do tempo e do espaço. Sim: que nada escape a investigação da geração que passa, que computanto a a anthropologia relê o balbuciar infantil dos nossos maiores, desde o *homem das cavernas* em lucta com os grandes megathericos até os nossos mais proximos aucestraes, desde o tempo em que apenas o vento e o mar, — eternos viajantes e eternos companheiros — folgadamente se acariciaram no rugir das vagas, no fremir das mattas, testemunhados pelo azul diaphano do céu e pelo albornoz doirado

do sol que fecundava o polem das flores e polvilhava de perfumes o ambiente immaculado, até a harmonia dos vossos dias, em que o homem tem conquistado a natureza, erredando a terra de caminhos de ferro e dado toda essa esplendida maravilha sahida das forjas da electricidade !

O idealismo allemão de Kant, distincto do idealismo de Stuart Mill, por ser aquelle transcendental e este experimental, para o qual trabalharam além do chefe, Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer e Edouard von Hartmann, e que é incontestavelmente uma das mais bellas paginas da historia philosophica do povo tedesco, uma das paginas mais seductoras e que de mais perto prendem o nosso espirito não é de toda completa a sua theoria, tanto assim que deo entrada franca ao positivismo de Augusto Comte, (e este por sua vez a novas theorias) como que marcando o grão em que deve ser tomado o equilibrio social. Aquillo que marca a porção de ruinas de muitos *systemas* philosophicos e de um edificio enorme architectado com solidez e pericia, é a grande resultante do trabalho assiduo de algumas gerações passadas pelo percorrer dos seculos em continua evolução da grande lei da concurrencia vital applicada a todas as moléculas da familia humana. Tem sido um combate vivo em todas as epochas, entre todos os *systemas*, e já nos nossos dias, desde o positivismo orthodoxo de Augusto Comte, da theoria evolucionista de Herbert Spencer, da geração espontanea de C. Darwin, do monismo de E. Hœckel, até as concepções infinitamente grandiosos de Rudolf von Ihering, C. Du Prél e Ludwig Noiré. Tem sido um mourejar constante o dos *systemas*, vezes a vencer e vezes a succumbir, sempre bello, porém, no colher dos louros e na messe abundante de fructos.

Todos os modernos marcham para um pontó dado. Todos empenham se em resolver o problema da vida. Do conjuncto de todos os *systemas* ha de ser fundida a PHILOSOPHIA NOVA.

Não ha dia, no qual não se procure juntar mais um relêvo a obra que se avoluma e parece já ter as proporções de um edificio que por si só vale todos os tentamens que medeiam de Platão e Aristoteles até Descartes e Spinoso. Tudo ahi é novo, tudo é methodico, tudo é certo, tudo é logico. Consubstanciam-se todos os elementos, cada qual tendo o seu valor relativo, a apparencia de uma grande machina, cujas molas tocadas uma vez fazem o segmento da

movimentação dando a mais perfeita harmonia, tendo cada uma a sua função especial.

E' ao prodigio positivo da mechanica, da lei do dynamismo, só e exclusivamente a que podemos confiar todos os productos emanados d'ahi.

Abordemos mais de frente a questão: O *problema da vida* nunca foi estudado com tanta soffreguidão, com tanto interesse como nos ultimos cincoenta annos. Todos os philosophos julgam-no ponto capital, ponto de partida, de circúmvolação, de termino. Os economistas estudam-no pelo prisma economico da riqueza como meio da direcção da especie, como meio de prolongamento de cada individuo em separado. Os physiologistas, e os biologists, vêm-no pelo prisma economico das funcções regulares dos órgãos motivados pelos phenomenos sanguineos e pelos noumenos da alimentação. Os medicos chirurgicos vêm-no pelo prisma da anatomia em si, emquanto que os medico-legistas encaram-no pela anatomia comparada. Todos os philosophos querem vel-o por todas as faces. E' sobre o ponto elementar da *nutrição, crescimento, reproducção, mobilidade e innervação*, resultados directos das forças physico-chimicas, que se assenta o problema da vida. Claud Bernard, Herbert Spencer, ou Letourneau, quer digam que a *vida é a morte*, ou o *accordo continuo de relações internas e externas*, ou o *movimento duplo de composição e decomposição* não fazem mais do que ajuntar mais esforços para a solucção do problema, que, e nбора mais estudado, mais avançado, continua infelizmente a ter uma incognita longinqua. Assim, a vida que é como nos diz Lefèvre "uma alteração de endosmose e de exosmose, de assimilação e desassimilação, de composição e decomposição, uma mudança perpetua" e que constitue a idéa *genetrix* de todo systema philosophico, tem sido a barreira d'esses mesmos systemas e ha de sel-o emquanto existir esse idealismo que nos povoa a mente, cercado das illusões iriadas do pensamento humano.

O *problema da vida* pois continuará, permanecerá, no novo systema que se principia architectar e testemunhará infinitamente a lucta de todas as gerações e em todos os tempos, como a Sphinge grotesca, eternamente immovel e eternamente symbolica.

LEONIDAS E SÁ.